

Autora bestseller do *USA TODAY*

ELLIE MIDWOOD



A Secretária Infiltrada

TOP
SEL
LER

Uma história real da resistência de uma mulher
que viveu lado a lado com o inimigo

À Vlada, à Natalia, à Beatrice, à Sabina e à Nadya.
Obrigada pela nova família!

Prólogo

Lyon, França. Julho de 1942

Tiraram-me finalmente a venda. Massajei os olhos, protegendo-os do brilho intenso do candeeiro, que era a única fonte de luz existente na cave escura e bolorenta para onde me tinham levado. Lentamente, feição após feição, fui conseguindo focar a face cruel e implacável de um homem moreno com a barba por fazer, uma face carregada de sombras e crueldade. Fitou-me durante muito tempo, estando eu desorientada e entontecida, sentada numa cadeira bamba, com uma mesa a separar-nos.

— Como foi que nos encontraste? — perguntou-me por fim.

Era francês; da zona, não tinha sido importado da capital.

— Andava à vossa procura — respondi com uma voz rouca bem diferente da minha: parecia um corvo a grasnar.

Não bebia nada há muito tempo, parecia-me que há vários dias, pois tinha evitado as águas que corriam pelo bosque, de qualidade duvidosa, mas também os poços das aldeias, com receio de ser avistada e denunciada. Entrar em vilas grandes ou em cidades estava totalmente fora de questão, pelo menos para uma pessoa como eu, com pronúncia alemã e sem documentos de identificação.

— Achas-te muito espertinha, é? Sabes o que é que fazemos aos nazis espertinhos como tu?

O francês tirou do bolso uma comprida faca de caça que começou a passar lentamente entre as enormes mãos. Apesar do brilho ameaçador

da lâmina, refletindo a luz do candeeiro, eu estava demasiado esgotada, quer mental quer fisicamente, para me deixar intimidar por minudências como a morte.

— Podes matar-me agora mesmo. Sinceramente, não me faz diferença nenhuma. Já perdi tudo o que tinha a perder, e estou num ponto em que a minha vida não tem grande valor. A única coisa que me interessa é vingá-lo. Por isso, escolhe: ou me dás um copo de água e um cigarro, e ouves a minha história, ou então, se estás mesmo convencido de que sou uma espia alemã, acaba com isto de uma vez. Francamente, a mim tanto me faz.

Ele levantou-se e pairou sobre mim, a mirar-me durante um momento interminável, sempre com a faca na mão. Deixei-o examinar-me com aquele olhar penetrante; não tinha nada a esconder e, tal como lhe havia dito, também não tinha nada a perder.

Continuo sem fazer a menor ideia do que foi que ele viu exatamente nos meus olhos. A única coisa que sei é que virou costas, saiu da divisão e voltou pouco depois com uma caneca de alumínio cheia de água — que eu esvaziei num único trago.

— Agora, fala.

— E o cigarro que te pedi?

— Os cigarros estão racionados. Primeiro, tens de o merecer.

Por pouco não desatei a rir. Começava a gostar deste *résistant*.

— Por onde queres que comece?

— Pelo princípio.

Considerarei o seu pedido, após o que acenei lentamente com a cabeça.

— Nesse caso, vou começar pelo princípio do fim.

O fim da vida tal como eu a conhecera, antes de ela me ter sido violentamente arrancada.

Passei a língua pelos lábios e inspirei fundo.

— Naquela altura, estávamos no inverno de 1933, eu vivia em Berlim. Hitler estava no poder há quase um ano. Eu era empregada de balcão numa loja e só pela maneira como a cliente...

Um

Berlim. Fevereiro de 1933

... Só pela maneira como a cliente marchava em direção ao meu balcão, percebi que havia borrasca. Baixa e quadrada, com um físico que mais parecia o anexo de uma casa, a mulher percorria o corredor que separava as diversas ilhas de roupa qual possante navio de guerra, com todos os canhões apontados para mim, a vendedora anónima. Alisando o uniforme, um vestido azul com o nome da loja bordado sobre o coração, assumi a expressão de serva que também era peça integral. O cliente tem sempre razão, e essas coisas todas.

— Boa tarde. Como posso ajudá-la em...

— Já viste bem o que me vendeste? — A cliente, cuja expressão era a própria imagem da indignação, abriu fogo antes de eu conseguir sequer concluir o meu cumprimento; desfazendo o embrulho que trazia na mão, atirou um casaco de peles com o forro de seda descosido para cima do balcão.

Eu não lhe havia vendido coisa nenhuma — devia ter sido a Wally, que fazia os turnos das terças e quintas-feiras —, mas já assimilara o facto de as clientes se esquecerem do rosto da vendedora que as tinha atendido antes de terem posto um pé fora da loja.

Com os olhos azul-claros da cliente a perfurarem-me, examinei o casaco de cima a baixo. Era magnífico, um dos mais caros que havia na loja, de vison prateado, com a gola alta e botões em *strass* checoslovaco.

De vez em quando, imediatamente antes da hora do fecho, eu e a Wally experimentávamos estes casacos à vez num gabinete de prova dos fundos da loja, enquanto as nossas colegas ficavam a vigiar. O magro salário que auferíamos nunca nos permitiria comprar semelhante peça, mas ninguém podia impedir-nos de nos metermos dentro destes produtos de luxo inimaginável e de fingirmos, nem que fosse por cinco minutos, que o mundo era nosso. Pois é esse o efeito que estes casacos têm sobre quem os põe aos ombros, quem passa uma mão por aquele pelo sedoso, quem nele enterra a face e o pescoço, ficando com a sensação de que está a ser aconchegada por uma centena de bebés vison muito quentinhos.

À exceção do forro descosido, o casaco estava imaculado. Era um objeto divino.

Olhei para a mulher que tinha à minha frente.

— Gostava muito de poder ajudá-la, mas não percebo qual é o problema. O forro não podia estar descosido quando a senhora comprou o casaco. O nosso gerente passa em revista cada um dos casacos de pele, e nunca permitiria que semelhante coisa fosse exposta na loja.

— Claro que não estava descosido, minha parva!

Já estava à espera daquilo. Continuei a olhar para ela, de cabeça pacientemente inclinada para um lado, aguardando mais explicações. Ou insultos. Ou ainda — a alternativa mais provável — uma combinação das duas coisas.

— Fui eu que o descosi, porque uma amiga minha contou-me de uma empregada judia que a tinha enganado e tentado o mesmo truque com ela noutra loja! A minha amiga explicou-me qual era a aldrabice, e caramba! Ainda bem que fui verificar! — Estreitou os olhos, observando-me agora atentamente. — Como é que te chamas?

— Dora — repliquei calmamente.

— Qual é o teu *apelido*, pequena.

A pergunta também não me surpreendeu.

— Davidsohn.

— Aha! — guinchou a mulher, apontando um dedo na minha direção como se tivesse acabado de descobrir um criminoso procurado

pela polícia. — Eu *sabia!* Vocês, os judeus, são todos uns mentirosos e uns aldrabões! Podes ficar com esse casaco, e devolve-me já o meu dinheiro, se não queres que eu chame a polícia.

— *Gnädige Frau* — comecei, tentando ignorar o violento revirar de olhos e os sopros emitidos por aquelas narinas muito abertas —, tenho todo o gosto em processar a devolução, mas preciso que me dê uma razão. Qual é o problema deste casaco?

— Mas que grande atrevimento! A perguntar-me qual é o problema!

Quanto menos eu perdia a calma, mais irritada ela se mostrava, como se a incapacidade de me abalar fosse, em si mesma, uma espécie de insulto pessoal.

Um casal que entrava na loja hesitou quando ouviu os berros da mulher. Desviando os olhos da enfurecida cliente, eu lancei-lhes um sorriso de quem pede desculpa pelo espetáculo. O homem parecia bastante mais incomodado que a mulher, ou namorada, que, por esta altura, esticava o belo pescoço leitoso, de olhos cintilantes com a perspectiva de se divertir sem ter de pagar por isso.

— Exijo que me devolvas imediatamente o meu dinheiro, sua judia vigarista!

— Infelizmente, não posso mesmo processar a devolução se não me der um motivo.

— Já viram isto? — A mulher deu meia-volta, à procura do apoio dos circunstantes. Para sua enorme satisfação, tinha agora um público de pelo menos duas pessoas. — Ela recusa-se a devolver-me o dinheiro. Isto é um roubo. Vou chamar a polícia!

— Se precisar de usar o telefone, tem uma cabina lá fora, à esquina — informei-a simpaticamente, apontando na direção certa.

Ao ouvir esta observação, a mulher perdeu completamente o controlo e começou a berrar que nem uma louca, atirando-me todos os insultos que lhe passavam pela cabeça — com mimos aprendidos nos discursos dos líderes do Partido Nazi. Ainda há menos de dois meses a Frente Vermelha de Berlim — o nome pelo qual o Partido Comunista Alemão era conhecido entre a população da cidade — expulsava

os nazis das tabernas ao som de vaias. Quando, porém, em janeiro passado, o sujeito do bigodinho farfalhudo — Hitler — tinha vencido as eleições, os comunistas coseram os cartões do partido ao colchão; e, depois de verem alguns dos seus líderes mais proeminentes serem metidos na prisão, também os social-democratas se reduziram ao silêncio. Por esta altura, a única coisa que se ouvia nos altifalantes da rádio eram discursos nacionalistas e propaganda a condizer, que gente da laia desta mulher não hesitava em engolir.

Certamente alertado pelos berros, *Herr* Lafler, o nosso supervisor, veio investigar o que se passava. O gabinete de *Herr* Lafler ficava ao fundo da loja, metido entre o enorme armazém e um armário de limpezas que também fazia de sala para as pausas das empregadas de balcão; era ali que ele passava a maior parte dos seus dias, dedicado à contabilidade e a fazer encomendas num ambiente de paz e perfeita tranquilidade. A mulher devia estar a guinchar mesmo a sério, para ele a ter ouvido no seu esconderijo sossegado.

O nosso supervisor, um homem rechonchudo e de ar apazível, face rotunda, inofensiva, e um bigode macio, parou junto ao balcão, estreitando os olhos atrás das grossas lentes dos óculos de tartaruga. Gerente incrivelmente eficaz, era raro lidar diretamente com os clientes — tarefa que deixava totalmente nas nossas mãos —, preferindo a companhia dos catálogos e das folhas de balanço à dos seres humanos. Nós, as empregadas de balcão, éramos profissionais com formação específica, de curso tirado em escolas comerciais, as chamadas *Handelsschule*. Os proprietários desta loja eram muito exigentes, não contratavam qualquer pessoa que lhes aparecesse. Nós tínhamos recebido formação específica para lidar com todo o tipo de clientes, com os seus problemas e os seus conflitos; Wally e Trudi aqui em Berlim, e eu em Essen, a minha cidade-natal. Nunca nos tinha aparecido um problema que não fôssemos capazes de resolver sozinhas — pelo que a estranheza de Lafler com a situação era perfeitamente justificável.

— Posso ajudar em alguma coisa? — perguntou à mulher, depois de a cumprimentar.

— Pode. Esta judia — novo olhar matador na minha direção —, vendeu-me um casaco com defeito e agora não quer devolver-me o dinheiro.

— Com defeito? — *Herr* Lafler recuou, como se a cliente tivesse acabado de lhe dar uma bofetada. Eu estava a falar a sério: ele fazia mesmo questão de inspecionar pessoalmente todas as peças quando estas chegavam à loja e era um garante absoluto da impecável qualidade de cada uma. — Com defeito em que sentido? — Desta vez, a pergunta fora para mim.

— Esta venda foi feita pela Wally — expliquei, tirando o enorme livro de registos de baixo do balcão, onde estavam anotadas todas as vendas, com as respetivas datas. — Mas *Gnädige Frau* não quer ter a bondade de me dizer qual é o defeito que encontrou no casaco.

A mulher, indignada, estava quase a engasgar-se.

— Já viram semelhante insolência? — E voltou-se para *Herr* Lafler, que se limitou a pestanejar como um mocho de novo, sem tirar os olhos da cliente. — Olhe para ele. Olhe com atenção para o casaco.

Sem vontade de tirar os olhos da mulher, que era mais alta que ele, e da qual sentia que tinha de se proteger, *Herr* Lafler não deixou, ainda assim, de obedecer.

— Não é possível que o forro estivesse descosido quando a venda foi feita... — começou a argumentar, mas foi imediatamente interrompido por uma onda de perdigotos irados.

— O problema não é o forro! Olhe por baixo. Não está a ver? Esta judia vendeu-me um casaco feito de retalhos de pele, de... restos! — A mulher gritava, o corpo a tremer-lhe todo. — Eu quero um casaco feito com uma pele inteira, de boa qualidade, que só tenha costuras nas mangas e no pescoço, como deve ser. Não quero usar uma coisa feita com... caudas de ratazana!

Quando percebi o que se passava, mordi o lábio inferior para me impedir de desatar à gargalhada.

— *Gnädige Frau* — tentei explicar-lhe —, os casacos de vison são todos assim. Não há casacos de vison feitos com uma peça só, porque

os visons são animais muito pequenos. As peles são cosidas de maneira a dar a impressão de continuidade, mas não deixam de ser peles pequenas e...

— Tu achas que eu sou idiota, sua judia atrevida? — Por esta altura, a cliente estava cor de beterraba. Eu evitei responder. — Exijo que me devolvam o meu dinheiro — repetiu, voltando-se agora para *Herr Lafler*. — E exijo que a despeçam imediatamente.

Desta vez, *Herr Lafler* empinou-se visivelmente. É certo que parecia um contabilista inofensivo, com as suas lentes grossas, a sua barriguinha e as mãos brancas de pele macia; mas se alguém atacava alguma das suas vendedoras, reagia como uma mãe-galinha, bicando o atacante para proteger os pintos, disposta a matá-lo antes de ele tocar nas crias.

— *Gnädige Frau*, não posso processar a devolução pela razão que apresenta. O casaco não tem defeitos, como *Fräulein Davidsohn*, minha representante aqui ao balcão, lhe explicou. E não tenho a mínima intenção de prescindir dos seus serviços por a senhora não estar satisfeita com um produto que se encontra em excelentes condições. Diga-me, posso ajudá-la em mais alguma coisa?

A mulher empalideceu de tal maneira e ficou tão hirta que eu comecei a recear que explodisse — e, desta vez, seria *Herr Lafler* o alvo da sua imponente fúria.

Mas não; ela agarrou no casaco, deu meia-volta e encaminhou-se para a saída com passo marcial.

Quando eu já me preparava para soltar um suspiro de alívio, virou-se de novo para trás e lançou-me um olhar fulminante.

— Hás de voltar a ouvir falar de mim.

— Agradeço-lhe muito a amabilidade de ter optado pela nossa loja — respondi com um sorriso profissional. — Desejo-lhe um excelente dia.

Herr Lafler olhou para mim com uma expressão de paizinho orgulhoso, fez um breve aceno de cabeça e desapareceu no interior do seu gabinete, deixando a loja novamente nas minhas mãos.

Já quase me tinha esquecido do casal que passeava por entre os cabides de roupas, até que o marido me apareceu diante do balcão com um cachecol de cachemira nas mãos.

— Ela disse mesmo que queria um casaco de vison de uma só peça?

Pousando um par de collants de seda e uns quantos lenços de pescoço de várias cores sobre o balcão, a mulher juntou-se à pequena gargalhada cúmplice do companheiro.

— Costuma receber muitas queixas destas?

— Nem imagina — confessei com um sorriso discreto, enquanto lhes fazia a conta.

Dois

Nesse dia, ao cair da tarde, abri a porta do quarto arrendado que partilhava com o Ashley e o Amory, convicta de que ia encontrá-los a arranjam-se para sair. Incrivelmente elegantes — ou talvez devesse dizer lindos —, os dois homens tinham feito nome em determinados círculos da Berlim boémia com os seus famosos duetos em que alternavam os géneros entre atuações com espantosa facilidade, e o público adorava-os. E possuíam as características físicas ideais para a função: o Ashley, com o cabelo preto muito brilhante cortado à pajem, que esticava para trás quando se apresentava de smoking, e o Amory, de louros caracóis e angélicos olhos azuis ligeiramente afastados, com um ar de inocência e pureza juvenil que contrastava com o olhar escuro e abrasador do seu contraparte. A despeito destas diferenças de coloração tão acentuadas, os dois homens tinham a mesma fluidez e o mesmo estilo maravilhosamente andrógino, que lhes permitia serem quem quisessem quando quisessem, e que lhes havia granjeado um enorme sucesso nos palcos.

Acabada de chegar a Berlim, encontrei o anúncio de um quarto para arrendar num jornal e, quando vi o Ashley, eu própria pensei que ele era uma mulher, tendo-o tratado, para minha grande vergonha, por *gnädige Frau*. Foi um erro compreensível da minha parte. Abriu a porta — a mim, uma jovem e inocente judia de Essen que, na sua

cidade-natal, nunca tinha visto ninguém que se assemelhasse, nem de longe, com ele — enfiado num quimono lilás, encostado à ombreira com os braços compridos, imensamente elegantes, cruzados sobre o peito. Era muito alto, tão magro que parecia passar fome, como mandava o figurino, ainda com vestígios de rímel nos belos olhos ardentes, e mirou-me dos pés à cabeça com uma expressão levemente felina, como só as mulheres sabem fazer. E ali ficou, sempre na mesma posição, enquanto eu me atrapalhava com mil explicações acerca do anúncio, perguntando a mim própria se esta Ashley seria modelo, ou atriz, ou o quê, até que o Amory apareceu atrás dele e, afastando-o da frente, me mandou entrar.

— Não lhe liguês. Está com uma ressaca e ainda não acordou completamente. O melhor é não falarmos com ele antes do meio-dia. Se decidires ficar, a tua renda são trinta marcos. — Dei por mim a pensar em como alguém poderia não querer ficar naquela casa com semelhante renda de saldo, ainda por cima no centro de Berlim, no coração do Kurfürstendamm, mas o Amory continuou a falar com um sorriso, obrigando-me a pestanejar de assombro por momentos. — Ashley e Amory são os nossos nomes artísticos. Na verdade, chamamo-nos Dolf e Heirinch. Mas os nomes ingleses estão na moda, além de tanto darem para o masculino como para o feminino. E nós ora nos apresentamos como homens, ora como mulheres. Portanto, se não te sentires à vontade com isso, percebemos perfeitamente. E por favor desculpa se te fizemos perder tempo, mas, como podes imaginar, não é coisa que possamos propriamente anunciar no jornal.

Naquela altura, a última coisa que eu me sentia era pouco à vontade. Acabada de sair da escola, recém-chegada a Berlim, tudo aquilo era tão profundamente exótico e tão profundamente interessante que eu entreguei ao Amory o dinheiro correspondente a três meses de renda adiantados, e nunca me arrependi dessa decisão.

Foi com o Ashley que aprendi a maquilhar-me e a pentear-me, transformando-me naquela pessoa que sempre tinha querido ser: uma empregada de balcão profissional e bem-educada durante o dia;

uma elegância semidespida e de lábios vermelhos à noite. E, nos dias de folga, uma espécie intermédia, de cara lavada e nariz metido num livro no Tiergarten ou no jardim zoológico, ou uma mulher sofisticada, que sabia ter um cigarro na mão e acenar a cabeça com uma expressão grave no decorrer de uma discussão sobre política internacional com um berlinense progressista e apoiante da emancipação feminina.

O Amory, por sua vez, tinha-me acompanhado às galerias de arte, dando-me a conhecer Van Gogh e Picasso, e levava-me com ele a um sítio muito estranho que dizia ser um teatro, para ver *Ascensão e Queda da Cidade de Mahagony*, de Brecht, uma peça que os nazis proibiram assim que chegaram ao poder. Foi graças ao Amory e ao seu extraordinário gosto em literatura e arte que descobri Mann e assisti a espetáculos dadaístas durante alguns meses, antes de tudo isso ser purgado, proibido, considerado amoral e contrário às tradições alemãs, e totalmente nojento... tal como os próprios Ashley e Amory, aliás.

Pareceu-me um milagre que o espetáculo deles não tivesse sido proibido, sendo apenas apupado pelos raros camisas-castanhas que iam vê-lo. Pareceu-me um milagre que nada tivesse mudado substancialmente depois de Hitler ascender ao poder. A agenda dos meus amigos estava totalmente preenchida, e continuávamos a ver-nos muito pouco nas noites em que eles trabalhavam no cabaré: quando eu chegava a casa, estavam eles a preparar-se para sair, e quando eu saía de manhã, estavam eles a dormir.

Por isso, quando abri a porta do nosso quarto esta noite, ia à espera de os encontrar a acabarem de se arranjar para sair. Ao invés, fui descobri-los mal envoltos nos quimonos de seda, com a barba por fazer e o cabelo com restos da brilhantina do espetáculo da véspera — uma visão que me surpreendeu —, a beber uma coisa qualquer diretamente da garrafa que iam passando um ao outro. Do quarto emanava um ligeiro odor a tabaco, talvez proveniente do cinzeiro a abarrotar de beatas que tinham diante deles.

— Não vão chegar atrasados ao trabalho? — perguntei-lhes à laia de saudação.

A suspeita de que se passava ali qualquer coisa francamente desagradável agitava-me a base do estômago, contraindo-me as paredes do abdómen e apertando-me a garganta como um torno. Ainda assim, e sem outro motivo que não fosse o receio de me deixar levar por estas emoções, meti-me com eles no tom que havíamos adotado entre nós quase desde o princípio, e continuei a sorrir enquanto me descalçava e abandonava os sapatos no meio do tapete, estendendo a mão para a garrafa.

— Isso é o brande que o teu admirador te deu no Natal? — perguntei, tocando com a ponta do meu pé descalço no do Amory. — É muito feio terem-no aberto na ausência da vossa companheira de quarto, sabiam?

Ele estendeu-me a garrafa, o olhar embriagado fixado no vazio.

Dei um golo no brande — coragem líquida, que me queimou as entranhas e diluiu o som dos tambores de ansiedade que me rufavam aos ouvidos, mas deixando o meu sangue a martelar-me as têmporas.

— Não vão fazer a barba? — Silêncio. — Não vão trabalhar? — Desta vez, foi no tornozelo do Ashley que toquei com a ponta do pé.

Ele aguentava o álcool bastante melhor que o Amory. Apesar de ser esguio, não tinha dificuldade nenhuma em acompanhar os seus clientes habituais, homens invariavelmente barrigudos com grossas correntes de ouro a atravessar-lhes o estômago, que acabavam sempre estendidos no chão.

O Amory também não respondeu e aquele silêncio era todo um discurso.

— O trabalho acabou — replicou por fim, num tom frio e neutro. Tirou-me a garrafa da mão e inclinou a cabeça para trás, e eu fiquei a observar-lhe a garganta a contrair-se enquanto ele ingeria grandes golos do líquido, do qual precisava bastante mais do que eu. O máximo que me tinha acontecido era ser insultada no emprego; ele, ao que parecia, tinha perdido o dele.

— Despediram-vos, Ash?

Arrependi-me imediatamente de ter feito a pergunta, porque o Amory inspirou audivelmente, deu um soluço e desatou num pranto tão aflitivo que o coração se me partiu em mil bocados.

— Não. — Movendo-se como quem está dentro de um sonho, ou de um pesadelo, o Ashley tirou um lenço do bolso e estendeu-o ao Amory. — Incendiaram-no.

— Incendiaram o quê? — perguntei, sentindo-me totalmente idiota, mas a informação era tão assombrosa que não consegui processá-la imediatamente.

— Aquilo tudo — explicou-me Ashley num tom desprovido de emoção. — Foram as SA. Estavam no exterior, à espera de que o espetáculo acabasse e o público saísse, e depois atiraram-se a nós: aos artistas, ao diretor, até o pessoal foi apanhado. Começaram a lançar cocktails Molotov lá para dentro e gerou-se o pânico. Fugimos todos para a rua e eles apanharam-nos e começaram a bater-nos. Eu e o Amory tivemos sorte, ao que parece. — O Ashley afastou o quimono da frente do ombro e eu vi uma enorme nódoa negra e manchar-lhe o antebraço belamente esculpido. — Só apanhámos umas quantas cacetadas antes de conseguirmos escapar. Não sei o que aconteceu aos outros. Não podíamos propriamente chamar a polícia para nos ajudar, porque nós é que seríamos acusados de termos posto em causa a segurança pública, provocando os bons arianos com o nosso comportamento imoral — concluiu com o semblante carregado e a voz eivada de sarcasmo.

Com a cara metida no lenço bordado, o Amory chorava intensamente.

— E a ti, como é que te correu o dia? — perguntou-me o Ashley.

— Nada de especial. Chamaram-me judia porca e vigarista, mas foi só — repliquei, encolhendo os ombros.

Ele resfolegou baixinho e ergueu a garrafa, por esta altura quase vazia, num brinde irónico.

— Bem-vinda à Alemanha de Hitler, irmã.

— Não me sinto propriamente bem-vinda.

— Pois, percebo, mas olha que o melhor é habituares-te. Porque não me parece que isto vá acabar tão cedo.

Bebi mais um golo da garrafa e fiz uma careta, mas não foi por o brande me picar a língua. O futuro cheirava pior que o cabelo deles; cheirava a carne queimada e a sonhos ensanguentados. E eu não tinha vontade nenhuma de me habituar ao mesmo.

Três

Talvez por influência dos últimos acontecimentos, no dia seguinte custou-me horrores ir trabalhar. A começar pelo momento em que estendi o braço para o despertador, com o apartamento ainda às escuras, fui fazendo tudo devagar: levei que tempos a vestir-me e a fazer o café, tentando por todas as vias atrasar o inevitável. Não conseguia determinar claramente a origem daquele incômodo, mas também não era capaz de me libertar de uma inexplicável sensação de mau presságio.

E para piorar ainda mais a minha disposição, parecia que, de um dia para o outro, o bairro tinha todo combinado decorar as janelas com bandeiras *Hakenkreuz*, que o vento húmido fazia estalar, agitando ameaçadoramente as insultuosas aranhas pretas na minha direção. Não conseguia explicar bem por que motivo tinha começado, de repente, a reparar nelas, nem por que razão me perturbavam tanto. Vendo bem, eram simples bandeiras — inofensivos pedaços de pano — mas que, de um momento para o outro, me pareciam insultos pessoais. Insultos dirigidos a mim, ao Ashley e ao Amory, e a todos quantos não encaixavam na nova narrativa da «grande Alemanha». Ainda ontem totalmente inofensivas, hoje estas bandeiras agitavam-se, zombando e escarnecendo, em silêncio, mas de forma poderosa, informando-me de que eu era uma estranha entre os escolhidos, uma inimiga do novo império.

Uma judia nojenta e vigarista.

Meti-me numa estação de U-Bahn, tirei da mala um exemplar bastante manuseado de *A Metamorfose* de Kafka — a mais recente recomendação do Amory — e já quase me tinha esquecido das bandeiras, do cabaré incendiado e da angústia geral que tomara conta de mim há vários meses, quando ouvi alguém comentar mesmo junto ao meu ouvido:

— Não sabes que esse livro está proibido?

Humedecendo ostensivamente a ponta do dedo, virei a página, e o bem-intencionado sujeito, de pin do Partido Nazi na lapela do sobretudo, afastou-se de mim e foi sentar-se na outra extremidade da carruagem, enquanto resmungava qualquer coisa.

O mundo de Kafka era profundo, bizarro e ligeiramente insano. Estava eu ainda a ponderar na alegoria da transformação de Gregor Samsa, um caixeiro-viajante, num inseto, ainda demasiado mergulhada nos meus pensamentos para conseguir reparar no que me rodeava, quando as minhas pernas, já com meses de treino naquela rotina, me conduziram até à porta da loja de *Herr Perelman*, onde todos os dias comprava o meu almoço: uma sandes de pão de centeio com língua de vaca cozida e mostarda, acompanhados de pickles feitos por *Frau Perelman*, e para sobremesa uns doces, que também eram produto das suas mãos. Havia várias lojas do género no meu caminho para o trabalho, mas eu era fiel aos Perelmans, e tinha razões para isso: quando, recém-chegada a Berlim, eu tentava desesperadamente esticar as magras poupanças que trouxera da terra, antes de receber o meu primeiro salário, *Herr Perelman* tinha-se oferecido para me abrir uma conta a crédito, minimizando a minha apreensão com um gesto da sua mão e um sorriso de avô simpático; e assim, para além de me ter alimentado na altura em que eu me sentia mais vulnerável, ele fora — e este era o pormenor mais relevante — um rosto amável numa cidade de desconhecidos indiferentes. Há momentos em que este alimento espiritual, o facto de sabermos que há alguém que repara se há um dia em que não aparecemos, é bem mais essencial do que a comida que mastigamos.

Apareceu-me um balde à frente, como que nascido do ar. Tropecei nele e soltei uma praga quando a tinta branca se espalhou à minha volta, salpicando de branco as únicas botas baixas de inverno que eu tinha.

— Vê onde pões as patas, sua vaca maljeitosa! — berrou uma voz mesmo ao meu lado.

Era um homem das SA, com o seu sobretudo comprido e o barrete paramilitar quadrado, tão quadrado como o cérebro que cobria, segundo a língua afiada do Ashley.

Fiquei a olhar para o sujeito, tão espantada que nem consegui responder. Na mão direita, ele tinha um pincel que pingava tinta branca.

— Fizeste de propósito?

Um segundo agente apareceu de trás do primeiro. Era bastante mais baixo e com uma aparência mais jovem, mas parecia compensar a falta de altura e de experiência com uma boca grande e umas caretas assustadoras — o género de caretas que estes homens fazem quando não têm mais nada com que impressionar os outros.

— Então? Fizeste ou não fizeste? — repetiu ele. — Estás a tentar sabotar uma atividade sancionada pelo governo...?

Só nessa altura é que reparei no anúncio que este par de carneiros das SA tinha estado a pintar antes de eu lhes interromper a atividade:

Judeu porco e vigarista

Não comprem neste judeu porco...

A mensagem acabava ali. Do outro lado do vidro, *Herr Perelman*, muito pálido, olhava fixamente para mim. Parecia que tinha envelhecido vinte anos.

— Peço desculpa, não vos vi — respondi aos homens das SA. Ultrapassei-os, contornando o balde entornado, e limpei os pés antes de entrar na loja dos Perelmans. Era a única cliente. — Bom dia, *Herr Perelman* — cumprimentei-o, sorrindo. — O habitual, se me fizer o favor.

Ele serviu-me num silêncio que pendia sobre nós, pesado e opressivo: cortou umas fatias de língua com gestos graves, dispô-las sobre

o pão, barrou-as com mostarda e embrulhou vagarosamente a sandes. Quando lhe estendi o dinheiro, vi que tinha a face coberta de lágrimas: chorava sem mover um único músculo da cara.

Não consegui agradecer-lhe, receando, também eu, começar a chorar.

— Cabra — atirou-me o SA mais novo quando saí da loja, não tão alto que ofendesse os transeuntes com o comentário, mas o suficiente para eu o ouvir.

— E sou — retorqui no mesmo tom.

Cabra e judia vigarista e parasita, como o Samsa de Kafka, e tudo aquilo que quiserem chamar-me hoje em dia, nesta nova e gloriosa Alemanha de bandeiras que se agitam ao vento.

A Wally fez uma careta assim que me viu entrar na loja a sacudir a fria manhã de inverno do sobretudo.

— O que foi? — limitei-me a perguntar-lhe.

— Tens *Herr Weber* à tua espera no escritório.

— *Herr Weber* em pessoa?

Sem me responder, ela baixou o olhar carregado para a prateleira que estava naquele momento a limpar.

Quem já trabalhou para terceiros sabe muito bem que, quando é o patrão que quer falar connosco, em geral, não é para nos anunciar uma promoção. Inspirando fundo, preparei-me para o que ali vinha e percorri os últimos passos do corredor, depois de ter passado o armazém, como um condenado a caminho do cadafalso.

— Entre! — A voz de *Herr Weber* chegou-me do outro lado da porta antes de eu ter tempo de acabar de bater.

Abri-a, mas permaneci à entrada, porque não havia muito espaço para mim naquele que era habitualmente o gabinete de *Herr Lafler*. O meu chefe direto estava voltado para uma pequena janela, olhando para o exterior como que repugnado por aquilo que se passava ali dentro. *Herr Weber*, sentado na cadeira de *Herr Lafler*, lia um papel

timbrado com a águia oficial e uma suástica — viam-se os contornos negros à transparência. Ao lado da secretária de *Herr* Lafler, estava perfilado um homem das SA, cujas botas de couro rangeram quando se voltou para me avaliar de alto a baixo, com um olhar insolente que ele desejava que fosse insultuoso.

— *Fräulein* Davidsohn, chegou ao meu conhecimento que houve um problema com uma cliente ontem — começou *Herr* Weber sem tirar os olhos do papel. Nas raras vezes em que aparecia na loja, Weber era sempre simpático para as empregadas de balcão; no último Natal, tinha chegado mesmo ao ponto de nos agradecer pelo nosso trabalho com um aperto de mão, enquanto *Frau* Weber nos entregava uns presentes. Agora, porém, mostrava-se frio, distante e tão incomodado que eu quase tive pena dele e da situação em que se encontrava.

— Não houve problema nenhum — repliquei, em tom calmo, mas firme. Já tinha percebido onde é que aquilo ia dar, mas que nem pensassem que eu faria uma saída silenciosa e dócil. — Ela pediu que lhe devolvêssemos o dinheiro com base numa interpretação errada da natureza da pele e do processo de manufatura dos casacos de pele. Eu e *Herr* Lafler explicámos-lhe por que razão não nos era possível fazer essa devolução.

Confesso que não estava minimamente à espera da explosão que se seguiu. Em poucos segundos, a cara do camisa-castanha tornou-se cor de beterraba e o homem atirou-se a mim como uma serpente.

— Tu insultaste uma mulher ariana! Devia prender-te agora mesmo, judia presunçosa! Achas que és melhor que os outros! Há muito tempo que os da tua laia se comportam como se fossem donos do mundo. Mas o nosso Führer acabará rapidamente com isso. Vais ver a rapidez com que acontece! — E agitava um dedo em frente à minha cara.

Herr Lafler virou por completo as costas aos outros, por pouco não encostando a testa ao vidro, como se a sua vontade fosse atirar-se dali a baixo. A sua sombra, projetada pela luz amarela do gabinete, pairava sobre nós, a mais comprida de todas.

— Julgo que nem preciso de te dizer que o teu contrato com a nossa loja terminou a partir deste momento — resmoneou *Herr Weber*, que parecia um ator de má qualidade a ler um guião fraquinho.

— Sim, *Herr Weber*. Compreendo. Adeus.

Virei costas e saí do gabinete e da loja sem me deter, sem dar um abraço de despedida à Wally, sem lhe deixar uma morada para onde pudesse escrever-me. Naquele momento, depois dos acontecimentos das últimas vinte e quatro horas, tinha-se tornado muito claro que eu deixara de ter lugar naquela loja, e no país em geral. E também não tencionava ali ficar.

— Dora! Dora, espera, por favor!

O vento atingiu-me em cheio na pele desprotegida quando me voltei para *Herr Lafler*, que virava a esquina a correr, vindo das traseiras da loja, do local onde os camiões descarregavam mercadoria de duas em duas semanas. Vinha de calças de lã, camisa e camisola, sem sobretudo que o protegesse, e tremia, tentando controlar a respiração — não percebi se por causa do vento ou dos nervos.

— O teu dinheiro — disse-me, metendo-me um maço de notas nas mãos. — Das últimas três semanas. Aquele porco das SA queria que ficássemos com ele ou então, imagina, que o déssemos à mulher — a palavra saiu-lhe cuspida de indignação —, como compensação pelo insulto. Mas... — Apertou-me novamente a mão.

Peguei no dinheiro e ele escondeu as mãos nos bolsos, encolhendo os ombros até às orelhas.

— Obrigada, *Herr Lafler*.

— Lamento muito, Dora. Eu tentei...

— Eu sei.

— Não posso fazer nada. Não passo de um gerente. A loja não é minha. Se fosse...

— Eu sei — repeti.

— Se precisares de uma recomendação, ou de alguma coisa — começou ele, mas eu abanei a cabeça.

— Agradeço-lhe muito, mas acho que não vou ficar por cá.

— Em Berlim?

— Na Alemanha.

— *Ach.* — Ele meditou um momento. — Bem, se calhar é o melhor que tens a fazer.

Estranhamente, a presença da sandes de língua que tinha na mala estava a tornar-se cada vez mais premente; o cheiro que exalava, erguendo-se entre nós naquele momento tão grave, era de certa maneira inadequado, deslocado.

Herr Lafler ainda estava a meditar em qualquer coisa quando eu abri a mala e tirei lá de dentro o almoço que havia comprado para comer no emprego que já não tinha.

— Tome. É da loja dos Perelmans. Têm a melhor carne da cidade. Se gostar — prossegui, estendendo-lhe a sandes —, porque não vai lá de vez em quando fazer compras? Tenho a certeza de que os clientes lhes vão dar jeito...

Deixei que a pausa fosse preenchida por um silêncio significativo. *Herr* Lafler olhou gravemente para o embrulho de papel pardo atado com uma guita, e pegou nele como se não se tratasse de uma simples sandes, mas de um artefacto proveniente de um império com uma longa história, que estivesse em processo de desmoronamento.

— A partir de hoje, não farei compras noutra loja — prometeu, proferindo aquelas palavras como se fossem um juramento solene.

Eu apertei-lhe a mão que tinha ficado livre e sorri, certa de que ele cumpriria a promessa.

Quatro

Essen, Alemanha. Duas semanas depois

Voltar à própria cidade-natal depois de ter vivido numa grande metrópole é como voltar para casa no final de uma grande festa: é agradável, aconchegante e repleto de uma doce familiaridade, porém, trazemos connosco uma leve melancolia que nos segue para todo o lado como se fosse a nossa sombra, pintando as ruelas que tão bem conhecemos de tons menos intensos e conferindo um sabor agridoce aos reencontros.

Deixei-me enroscar nos abraços da minha mãe e da minha avó, mas o meu coração já ansiava por Berlim, que chamava por mim com uma voz de sereia, exibindo as suas luzes em fragmentos de memória, acenando-me, atraindo-me como um amante violento que promete mudar depois de me ter dado uma valente tarefa.

Ainda não tinha passado um dia completo desde que o Amory e o Ashley me haviam abraçado longamente, à vez, na estação de Alexanderplatz, em Berlim, e eu já estava com saudades do humor feroz daqueles amigos, dos seus longos braços nos quais me sentia mais segura do que dentro de uma armadura, dos lábios quentes prometendo-me ao ouvido que o meu quarto ficaria vago até eu decidir regressar. Ainda sentia na pele resquícios do seu pó de arroz, misturado com o odor do perfume caro, vestígios, remanescências que não me largavam, tal como eles se haviam recusado a soltar-me dos seus braços, como se tivessem a sensação de que era a última vez que nos abraçávamos.

E ali estava eu, parada no meio da nossa casa, com a minha mãe e avó atarefadas ao meu redor, sem se calarem — «Deixa a mala na entrada, Dora»; «Desfazes a mala depois de comermos»; «Devias ter mandado um telegrama a avisar que vinhas, mas é sempre uma ótima surpresa»; «Senta-te, senta-te»; «Que pena não teres apanhado o teu pai, ele veio agora mesmo almoçar, saiu para a loja ainda nem há dez minutos»; «Fazemos-te qualquer coisa que comer num instantinho» — e sem perceberem, com toda aquela excitação, que eu estava muito calada, cheia de saudades de algo que tinha ficado para trás.

Não era apenas a cidade, era a liberdade. O apartamento que era meu, os amigos que ninguém podia julgar, porque não os conheciam, uma vida que era toda minha, com os seus desenganos e delusões, as noites de sábado passadas num semiapagamento alcoólico, os domingos de ressaca, cigarros fumados sem ter ninguém a ralar comigo, vestidos curtos, amantes de uma noite...

E agora, sentada na mesma cadeira bamba onde costumava fazer os deveres da escola, no mesmo canto da cozinha onde sempre estivera a mesa de jantar, sentia-me outra vez uma criança, mas uma criança a quem tinham roubado alguma coisa, regressada à gaiola de onde tinha fugido há menos de um ano com enorme excitação, infinitamente desiludida comigo mesma por uma coisa pela qual não era responsável.

— Estou tão satisfeita por te ter cá — comentou a minha avó sem virar as costas ao fogão, onde o meu almoço já estava a fritar, a deitar fumo e a espirrar óleo; três pratos ao mesmo tempo, todos controlados pelo seu olhar observador. Com a espessa trança que eu invejava enrolada na nuca, o corpo pequeno e esguio, ela circulava em passo de dança entre o lava-louça, a bancada e o fogão com a graciosidade de uma bailarina, só que, em vez do tutu, tinha um avental verde-azeitona com flores brancas bordadas, que lhe abraçava a fina cintura de menina. Só o usava em ocasiões especiais, e orgulhava-se de nunca o ter sujado, fossem quais fossem as obras-primas de culinária que criava no pequeno reino que era a sua cozinha. — Fizeste-nos falta cá

em casa — prosseguiu. — Sem ti, não era a mesma coisa. Lembras-te da Stella, a filha do Heinrich? Está a trabalhar num infantário. Se quiseres ir para lá trabalhar, ela arranja-te qualquer coisa. O infantário fica mesmo ao pé do talho de *Herr Klein*, não levas mais de quinze minutos a pé a lá chegar. Era uma bela maneira de variars de Berlim — comentou, com uma pequena gargalhada bem-disposta. — Lembro-me de te queixares daqueles U-Bahns e autocarros que tinhas de apanhar para chegares ao trabalho...

— Não estava a queixar-me, *oma* — interrompi num resmungo, enrolando e desenrolando a franja da toalha em volta do indicador, um hábito de infância que eu pensava estar esquecido e que recuperara de repente.

— Não, claro que não. — O ligeiro toque que a minha mãe deu à minha avó, ao mesmo tempo que tirava os talheres bons do armário, não me passou despercebido.

A minha mãe, uma mulher de voz suave, que não tinha o voluntarismo nem a franqueza da *oma*, sempre tinha sido a medianeira entre mim e a minha avó. Quando eu comunicara que queria ir viver para Berlim, a *oma* tinha feito um enorme pé-de-vento, esquecendo, muito convenientemente, que também ela havia saído de casa com a minha idade; a única diferença sendo que não tinha saído para se ir meter, sozinha e desprotegida, naquela cidade que mais parecia uma Gomorra, na lógica da minha avó, mas para se casar. Há muito que eu tinha perdido a esperança de alguma vez ganhar uma discussão contra ela; éramos ambas demasiado obstinadas para dar importância ao ponto de vista da outra.

— O que a *oma* queria dizer era que não devia ser fácil gastares tanto tempo no caminho — comentou a *mutti* com um sorriso, pousando os talheres sobre os guardanapos que só eram usados em ocasiões especiais. — Além disso, lembro-me de dizeres que era uma cidade muito suja, e que vias ratazanas nas ruas, para não falar dos criminosos e... — fez uma pausa, baixando a voz — das prostitutas que as percorriam à noite.

— Não me incomodavam. — Encolhi os ombros, dando conta das saudades com que estava já das sujas e insolentes ratazanas de Berlim, e até das prostitutas que se ofereciam aos potenciais clientes em pleno comboio. — Habituei-me. Já não me importava. Além disso, não tenho formação para trabalhar com crianças. Eu tirei a escola comercial, não estudei para educadora.

— E então? — insistiu a *oma*, sem se deixar perturbar por esse pormenor. — Só o pessoal superior é que tem formação de professor. O resto são raparigas, e todas as raparigas...

— Sabem naturalmente tratar de crianças e gostam de crianças — concluí, passando a mão pela cara para limpar o que restava dos últimos dias da minha vida. De repente, senti-me sufocar naquela cozinha minúscula com cheiro a infância e a inocência; de repente, aquelas paredes tornaram-se demasiado estreitas, o ar demasiado abafado. — Eu não gosto de crianças, *oma*. Nunca gostei.

Ela voltou-se pela primeira vez desde que a conversa tinha começado, e fitou-me como se eu fosse uma louca saída do manicómio.

— Como é que sabes? Nunca trabalhaste com elas.

— Sei, porque em Berlim mudava de carruagem sempre que ouvia uma criança a chorar.

A *oma* preparava-se para me contrariar, mas nessa altura a *mutti* lançou-lhe um dos seus olhares — era uma coisa que raramente fazia, mas que, por isso mesmo, tanto a *oma* como o *vati* levavam muito a sério.

— Ela só vai trabalhar para o infantário se quiser — declarou a *mutti*.

— Ninguém está a dizer o contrário. Era só uma possibilidade a ter em conta enquanto procura outro emprego que seja mais do agrado dela.

— Primeiro, deixa-a descansar uns dias.

— Também não estava a dizer para ela começar hoje à tarde.

— Mãe, francamente. A rapariga ainda nem desfez as malas e tu já estás...

Os nazis tiraram tudo a Dora. Os seus amigos mais próximos desapareceram de um momento para o outro. Os seus pais, tornados prisioneiros num campo de concentração e assassinados, unicamente pelo crime de existirem. Nem sequer sabe se o seu marido, o dedicado e corajoso Alfred, está vivo. Contudo, e ainda que o seu mundo esteja a ser aniquilado, Dora recusa vergar-se à tirania de Hitler.

Atuando clandestinamente com a resistência francesa, Dora decide arriscar a sua vida naquela que é a missão mais arriscada na história da célula a que pertence: fazer-se passar por secretária do chefe da Gestapo, um homem cuja reputação de assassino impiedoso o precede, e fornecer uma lista à imprensa britânica com o nome dos oficiais das SS. Para tal, terá de aproximar-se do inimigo por muito que o despreze, ser quem lhe traz café, quem bate à máquina as cartas dos monstros que mataram a sua família — sabendo que poderá ser descoberta a qualquer instante.

Conseguirá Dora sobreviver e mudar o rumo da guerra, salvando assim milhares de vidas? Ou terão morrido em vão milhões de inocentes, assim como aqueles que eram para si as pessoas mais importantes do mundo?

Baseado na história real de Dora Schaul, *A Secretária Infiltrada* é o relato de coragem e sacrifício de uma mulher que decidiu arriscar diariamente a vida ao ficar cara a cara com o inimigo.

Da mesma autora:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 topseller.suma

 penguinlivros

ISBN 9789895832682



9 789895 832682 >